

NOME: ARTHUR ESTEVES DA COSTA

TÍTULO: As incursões metodológicas e a construção do objeto de pesquisa

AUTORES: ARTHUR ESTEVES DA COSTA

PALAVRA CHAVE: História Oral – Candomblé – Identidade Racial

RESUMO

RESUMO

Este trabalho reflete sobre os desafios metodológicos que se encontram presentes na fase da construção do objeto da pesquisa do projeto intitulado "Memória de negro: um diálogo entre educação e ancestralidade", cujo desenvolvimento se dá no Programa de Pós-graduação em Educação da FaE-UEMG. Esse projeto pretende investigar a construção de identidades raciais que ocorrem nas interações dos diversos elementos e símbolos da cosmovisão Nagô presentificados nos terreiros de candomblé a partir das memórias de um líder religioso, um Babalorixá. Os terreiros de candomblé, e as demais comunidades negras tradicionais, demarcam um papel de importância política e cultural no panorama das lutas de resistência negra no Brasil e na articulação e movimento da diáspora africana, sem perder de vista a sua polifonia e diversidades. Dessa forma, preferimos falar em movimentos negros e em suas relações que ressignificam, dão formas, constroem identidades, e dinamizam vivências, sujeitos, tempos e espaços. Os navios negreiros ao chegarem aos portos brasileiros não deixavam aqui apenas pessoas escravizadas marcadas pela perversidade e horror das relações escravistas negras; desembarcavam aqui culturas, trajetórias e visões de mundo das mais diversas, mas que se fundavam e se reconheciam na vivência da ancestralidade. Pensar no caminho que se pretende construir e seguir durante a pesquisa exige o esforço de refletir acerca da metodologia a se adotar. A metodologia tem que dar conta das especificidades que o próprio projeto nos coloca, seja sobre o seu objeto, ou campo de investigação: trajetórias de vida, memórias, símbolos atrelados a uma visão de mundo e tradição oral. Então, que abordagem metodológica poderia apresentar-se suficientemente consolidada e, particularmente, aberta diante dos desafios e da novidade que o campo pode apresentar e ser capaz de articular os elementos e categorias de análise que a pesquisa começa a nos apontar? No contexto da investigação em curso, a história oral se revela capaz de lidar com a complexidade que o objeto de pesquisa lança, principalmente pela característica de se definir enquanto método de investigação, como fonte de pesquisa ou ainda como técnica de produção e trato de depoimentos. (Alberici, 2005). A escolha por essa abordagem metodológica deve ser compreendida na produção e na história da pesquisa qualitativa em educação. A escolha pela história oral se entrelaça à escolha do sujeito a ser investigado durante a pesquisa. Se por um lado, o Babalorixá é um herdeiro dos símbolos, signos e significados da cultura Nagô, capaz de presentificar elementos que estão para além de seu espaço-tempo, e do próprio terreiro que lidera, é nesse mesmo sentido que a história oral privilegia o sujeito, as suas experiências e aquilo que foi vivido por ele. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (Alberici, 2005). De acordo com Halbwachs (2012), memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, construídos coletivamente e submetidos a flutuações, transformações, mudanças e ressignificações constantes. As memórias do líder religioso serão a fonte para tentarmos apreender o processo de construção de identidades nos terreiros de candomblé. A história oral, ao ser entendida como fonte de pesquisa e enquanto técnica para o tratamento de depoimentos busca romper com a tradição acadêmica que transformava a entrevista em simples suporte documental da pesquisa qualitativa para mostrar a riqueza inesgotável do depoimento oral em si mesmo, como fonte não apenas informativa, mas, sobretudo como instrumento de compreensão mais ampla e globalizante do significado da ação humana (Alberici, 2005). A pesquisa pretende contribuir para os estudos Afro-Brasileiros, na tensão vivida hoje no âmbito da educação, possibilitando a construção e a consolidação de um projeto de nação que perceba e reconhece todos os seus sujeitos, como nos aponta Gonçalves e Silva (2009, p.47). A pesquisa busca também contribuir com as discussões em torno da efetiva implementação da lei 10.693/03, que modificando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, instituiu a obrigatoriedade do ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira nas escolas da educação básica, estreitando a relação entre Brasil e África.